



OS ENCONTROS COM JESUS NOS EVANGELHOS: ELEMENTOS PARA A “INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ” HOJE

Luciane Kudlawicz¹

Clodovis Boff²

Resumo: O presente artigo é resultado de um interesse, despertado pela leitura de documentos da Igreja, especialmente daqueles direcionados a iniciação à vida cristã, bem como, conferências e aulas que trazem à tona a temática da experiência do encontro com Cristo como caminho para uma verdadeira experiência de fé e de iniciação a vida cristã hoje. Por meio dos evangelhos no período da igreja nascente fica claro que o encontro com a pessoa de Jesus Cristo dá um novo sentido e novo horizonte à vida, levando a um profundo encontro consigo mesmo e com sua verdade. É a partir deste encontro que se dá início ao processo de conversão, inserção na comunidade de fé e testemunho da mesma experiência. Porém não está explícito o que é este encontro e como se dá esta experiência na vida das pessoas, bem como, o que fazer para proporcionar esta experiência aos membros das comunidades e àqueles que procuram a catequese e o catecumenato de adultos, com a mentalidade sacramentalista. A temática da experiência do encontro com Cristo encontra uma dificuldade para aterrissar na vida das comunidades, nos processos de iniciação à vida cristã. A mentalidade que ainda predomina na prática das comunidades é decorrente de uma pastoral de conservação, a qual está preocupada em manter as estruturas e distribuir sacramentos, ainda aquém do anúncio da pessoa de Cristo e seu Reino, como aquele que dá sentido a existência humana e a leva a sua plenitude. A presente pesquisa tem como principal objetivo analisar alguns encontros com Cristo, apresentados pelos evangelhos, elencar elementos que ajudem a compreender e proporcionar esta experiência hoje. Por fim, são apresentadas aplicações concretas para a prática pastoral no intuito de ajudar as comunidades a compreender o encontro com Cristo, suscitando uma revisão das práticas pastorais em seus mais diversos níveis.

Palavras-chave: Experiência, Encontro com Cristo, Iniciação cristã.

Como referenciar este trabalho:

KUDLAWICZ, LUCIANE; BOFF, CLODOVIS. OS ENCONTROS COM JESUS NOS EVANGELHOS: ELEMENTOS PARA A “INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ” HOJE. **CADERNO TEOLÓGICO DA PUCPR**, CURITIBA, V.1, N.1, P.124-162, 2013.

¹ Bacharel em Teologia pela PUCPR, e-mail: kudlawicz@yahoo.com.br

² Professor do Curso de Teologia da PUCPR, e-mail: osmcwb@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho versa sobre o ser cristão hoje mediante a experiência do encontro com Cristo. Hoje se vive um momento de crise de fé. Ser cristão tornou-se tradição, superstição, ou ainda indiferente. Então vem a pergunta: O que é ser cristão nos dias de hoje? Como se realiza o processo de evangelização? Onde a igreja está falhando? Porque o cristianismo não encanta mais? Como se tem realizado o processo de iniciação à fé e a vida cristã? Mediante esta realidade, faz-se necessário rever a prática pastoral com urgência.

A resposta para esta problemática aponta para a perda do núcleo central do cristianismo: a experiência de encontro com Cristo. Faz-se necessário recuperar este núcleo. Porém, ao falar em recuperar esta experiência, assunto que há um bom tempo vem sendo refletido pela Igreja em seus documentos e reflexões, apresentam-se outros questionamentos, tais como: O que é esta experiência do encontro com Cristo? Como, quando e onde ela acontece? Como levar para a prática pastoral esta proposta e fazê-la acontecer? O que fazer para encaminhar uma pessoa para que encontre Cristo e se apaixone por Ele?

O encontro com Cristo se torna visível por meio dos efeitos concretos na vida das pessoas. Ele acontece pela iniciativa do próprio Deus, que vem a nós em seu Filho, mas precisa da abertura e acolhida de cada pessoa. Os lugares onde este encontro acontece são comuns, lá, no dia a dia de cada pessoa, no simples. Uma experiência de Deus, quando verdadeira, leva a pessoa a uma mudança de vida nas várias dimensões da existência: espiritual, comunitário, ético e social.

Quem encontra Cristo anuncia a Cristo e seu projeto. Quem não encontra Cristo anuncia-se a si mesmo.

Este trabalho apresenta elementos da experiência do encontro com Cristo, presentes nos evangelhos, que venham responder algumas necessidades da iniciação à vida cristã hoje. Ao analisar algumas experiências de encontro com Cristo nos evangelhos procura-se em primeiro lugar, sintetizar os elementos comuns, resultados do encontro; depois, faz-se um aprofundamento teológico e, por fim, apresentam-se orientações práticas para a espiritualidade pessoal, bem como, para o trabalho pastoral nas comunidades, com ênfase na iniciação à vida cristã.

A fé, antes de ser um aprendizado é uma certeza da amizade e do amor de Deus. O Catecismo da Igreja Católica (CIC), já de início, fala sobre a fé, porém, não se detém numa definição da mesma. Diz que crer é viver como Abraão e como Maria, cuja fé era a sua relação

com Deus. O CIC diz que a fé é, antes de tudo, “adesão pessoal do homem a Deus” (CIC nº 150). O Ano da Fé, proposto pelo papa emérito Bento XVI, não quer tanto reforçar o conteúdo da fé, quanto, reforçar o ato de crer. Este ato de crer é subjetivo, ou seja, é vivência do acolhimento de Jesus e da vivência com Ele. Logo, crer é experimentar e a consequência deste experimentar é viver em um horizonte de sentido.

A iniciação à vida cristã tem por objetivo proporcionar esta experiência de fé. Repetindo o que disse Bento XVI no DA, “não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande idéia, mas através de um encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva” (DA 243). Concluimos então, que no início de uma vida de fé está o encontro. Em seguida o documento apresenta o texto do evangelista João, onde Jesus faz um convite aos discípulos André e João. Primeiro Jesus quer saber o que eles procuram e em seguida faz o convite para que eles vivam uma experiência: “Venham e verão” (Jo 1,38).

O texto base do Ano Catequético Nacional 2009, “Catequese, Caminho para o Discipulado e a Missão”, apresenta o caminho de Emaús como método para a iniciação à vida cristã. “A exemplo dos discípulos de Emaús, também temos necessidade desta experiência de re-encantamento na fé... A rotina pastoral, catequética e celebrativa, em lugar de atrair, às vezes podem afastar as pessoas” (CCDM 87).

O subsídio para o VII Sulão de catequese, “Mistagogia: Novo caminho Formativo de Catequistas” (MNCFC) tem como base o texto João 1, 41b-46c cujo lema é, “Encontramos o Senhor! Vem e vê!”. O texto faz uma reflexão direcionada aos agentes de pastoral, mais especificamente aos catequistas, abordando a realidade que os cerca e sua formação, bem como, o encontro com Cristo e a experiência do mistério. Em relação à experiência, o texto questiona: “Quem não tem uma profunda experiência de fé cristológica, enraizada no encontro vivo com o Senhor ressuscitado, qual testemunho pode dar aos outros?” (MNCFC, p. 10). E acrescenta: “A Palavra de Deus nos faz mergulhar no mistério de Deus, no mistério da vida, da história e de nós mesmos” (MNCFC, p. 22).

Tendo presente estas constatações, este trabalho se debruça sobre a Palavra de Deus, mais especificamente sobre relatos dos evangelhos que mostram a experiência do encontro com Cristo, buscando, assim, em que consiste este encontro, bem como os elementos ali presentes, que ajudem a torná-lo prática viva nas comunidades, avançando, assim, no caminho

proposto pelo DA.

1. Encontros com Cristo nos Evangelhos

Na sequência será realizada a análise de alguns encontros com Cristo, que são apresentados pelos evangelhos: os primeiros discípulos (Jo 1,35-51); Zaqueu (Lc 19,1-10); a Samaritana (Jo 4,5-42); a vocação de Levi (Mc 2,13-17); Maria Madalena (Jo 20,1-18) Bartimeu (Mc 10,46-52); e os discípulos de Emaús (Lc 24,13-35).

1.1. Primeiros discípulos (Jo 1,35-51)

Estando João Batista com dois de seus discípulos vê a Jesus que vai passando. João fala aos discípulos apontando para Jesus: “Eis o Cordeiro de Deus”. João já conhecia a Jesus, por isso, ao apresentá-lo para os discípulos, o faz com convicção e os convence a segui-lo. Fala do que ele próprio experimentou, despertando assim o interesse e a curiosidade.

Os discípulos ouvem João e seguem a Jesus. É certo que de início os discípulos não entenderem muita coisa, porém, começam a segui-lo, e durante certo tempo, caminham em silêncio. Até o momento não houve verdadeiro contato com o Senhor. Ao vê-los seguindo-o, Jesus interrompe o silêncio e inicia o diálogo perguntando: “Que procurais?” Ao que eles respondem: “Rabi, onde moras”? Jesus os convida: “Vinde e vede!” Os discípulos aceitam o convite, vão e permanecem com Jesus naquele dia.

É essencial viver a experiência pessoalmente. As informações de fora, partilhas do que outros viveram e experimentaram, são importantes e ajudam, porém nada substitui a experiência de estar na presença do Senhor e com Ele conviver pessoalmente. Mergulhar no mistério. Saboreá-lo. Viver com Ele e Nele sem pressa. Não basta buscar informações de fora, de outros. É preciso sair da superfície, mergulhar no profundo de si mesmo e de Deus, e buscar o essencial, estar com o Senhor.

Vive-se hoje a era da globalização, do instantâneo e do virtual. Todos sabem, ou devem saber de tudo e em tempo real, não dando espaço de tempo para assimilar, ruminar, saborear as situações diárias. Há pouco contato pessoal, quase tudo é virtual, passageiro e descartável “sociedade líquida”. A comunidade de fé também foi afetada por esta mentalidade. Assim foi-

se gerando comunidades de cristãos que não experimentam um verdadeiro contato com Jesus. Não sabem como Jesus viveu e nem conhecem o seu projeto. Sendo assim, fica difícil até de conduzir outros para fazer esta experiência.

O encontro de Jesus com os primeiros discípulos consta, num primeiro momento, do testemunho de um intermediário que fala com autoridade porque sabe do que está falando, conhece Jesus. Novos discípulos são convidados por Jesus a segui-lo. No segundo, os novos discípulos trazem uma outra pessoa até Jesus enquanto confessam sua fé nele como o messias prometido (Novo Comentário bíblico, p. 751).

O testemunho de João Batista alcança seu objetivo quando dois de seus próprios discípulos seguem a Jesus. De início, os discípulos seguem a Jesus pela força da palavra de João que indica Jesus quando passa. Em seguida o segmento se torna interesse dos próprios discípulos. Buscam-no porque querem conhecê-Lo, saber da sua vida, sua moradia, enfim, algo em Jesus os atrai. Por fim, Jesus intervém perguntando o que eles procuram. Quer saber dos desejos e buscas dos discípulos. Toca no profundo de seus corações, despertando o desejo de Deus, que está em todo ser humano, porém muitas vezes sufocado. Jesus convida os discípulos para permanecerem com ele, conviver, fazer a experiência.

A pergunta que Jesus faz aos discípulos, ele a faz também a todos aqueles que o buscam, que leem e ouvem o evangelho. Esta é uma pergunta existencial e por isso, essencial para a caminhada da fé. Esta pergunta se dirige àqueles que estão sempre em busca, inquietos e se interrogando sobre o essencial.

Todas as pessoas estão sempre em busca de algo mais, por esse motivo, sempre insatisfeitas. Consciente ou inconscientemente, somos todos garimpeiros à procura do diamante da felicidade, andarilhos a procura da pedra preciosa, pela qual estamos dispostos a vender, com alegria, tudo o que possuímos (Barreiro, p. 57).

Para conhecer Jesus é indispensável, acampar, permanecer com Ele. Faz-se discípulo de Jesus não apenas com estudos ou assimilação de um sistema de verdades, o que também é necessário. Só é possível tornar-se discípulo Dele por meio da convivência e isto se dá por meio de uma busca permanente, onde acontece a experiência de comunhão e do compromisso que desinstala.

Quando se fala de busca permanente está se falando de processo contínuo, o contrário de um momento estanque e único. Este processo tem um momento marcante sim, tem um início, o grande encontro, porém, que se prolonga e se renova por toda a vida com outros encontros que vão alimentando o primeiro. Ver Jesus e permanecer com Ele é uma graça, dada pelo próprio Jesus para aqueles que o procuram. E quem recebe esta graça e o conhece, nunca mais o abandona. Vai até as últimas consequências. “Pois, ninguém esquece o dia e a hora em que começou um grande amor ou uma grande amizade” (Barreiro, p. 61).

Falar de encontro e permanência com Jesus é falar de um relacionamento. Um relacionamento se dá por meio de diálogo, do contrário ele morre. Neste relacionamento a pessoa deve se dirigir a Ele, falar e ouvir como se fala com o melhor amigo. Abrir-lhe o coração sem medo e nem vergonha das suas misérias, necessidades e fragilidades. “O Deus invisível, levado por seu grande amor, fala aos homens como a amigos, e com eles se entretém, para os convidar à comunhão consigo e nela os receber” (DV 2).

Esta conversa entre amigos nada mais é do que a oração. Para um verdadeiro encontro com Cristo impõe-se uma vida de oração, que supere a mera recitação de fórmulas e cumprimento de regras. Para a dinâmica vital de relacionamento interpessoal, faz-se necessário espaço de tempo para falar a Ele e espaço de tempo para ouvi-lo. Não se busca quantidade, mas, qualidade na relação, na oração.

Quem faz esta experiência conseqüentemente se torna um discípulo missionário. Vai partilhar com outros o que lhe aconteceu. A convicção e força de seu testemunho despertará o desejo adormecido de outros a buscarem este contato com o Senhor. Isso aconteceu com André. Após sua experiência com o Senhor, foi “logo à procura de seu irmão” (Jo 1,41), falou-lhe sobre Jesus e o levou até Jesus. Não só anuncia como também leva Pedro até Jesus. Se torna um mediador, um mistagogo³, facilitando o encontro e o processo da mistagogia.

Jesus fala com Pedro fixando nele seu olhar: “Tu és Simão, filho de João: serás chamado Cefas”. Não é um olhar qualquer. Olha lá no fundo, despertando algo que já está dentro de Pedro e de todo ser humano, o desejo de Deus. “O desejo de Deus está inscrito no coração do

³ Mistagogia é uma palavra de origem grega. Ela é composta de duas partes: “mist” + “agogia”. “Mist” vem de mistério e “agogia” tem a ver com conduzir, guiar... Podemos traduzir: a ação de guiar para dentro do mistério (MNCFC, p. 22).

homem, já que o homem é criado por Deus e para Deus” (CIC, nº 27). Também Santo Agostinho, nas “Confissões”, fala a este respeito: “Tarde te amei, Beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei! Tu estavas dentro de mim e eu te buscava fora de mim...” (X, 27,38). O olhar de Jesus desperta aquilo que já está no coração humano: o desejo de Deus.

No outro dia Jesus encontra Felipe e lhe diz: “Segue-me”. A iniciativa é de Jesus, “que chama a quem quer, onde, como e quando quer” (Barreiro p. 65). Ao grupo dos quatro primeiros amigos de Jesus, une-se agora mais um Natanael. Este encontra Jesus pela mediação de Felipe.

Felipe, ao encontrar Natanael, com entusiasmo lhe comunica ter encontrado Jesus, a quem os profetas anunciaram. O verbo “achamos” traz o sentido de descobrir, o que ocorre depois de uma busca, de uma expectativa. Natanael não acredita, não aceita o testemunho de Felipe, mas este sabe que argumentos não destroem os fatos e que se Natanael for ao encontro de Jesus também ele ficará convencido. Por isso lhe diz simplesmente: “Vem e vê!”.

Natanael vai ao encontro de Jesus. Aceita a mediação de Filipe. Jesus vê Natanael antes que Natanael o veja, e lhe faz elogios, mostrando assim que o conhece. Viu-o com profundidade, seus sentimentos, sua disposição interior e manifestou publicamente o que estava vendo. Apontando para Natanael diz: “Eis um verdadeiro Israelita...”. Natanael fica surpreso e se questiona de onde Jesus pode conhecê-lo. Jesus lhe diz que antes mesmo de Filipe o chamar ele já o tinha visto debaixo da figueira. Estar debaixo da figueira é estar buscando a Verdade por meio do estudo da lei, como faziam os rabis⁴.

Neste momento não se sabe o que aconteceu no mais profundo da vida de Natanael. Ele “sentiu-se subitamente atravessado e envolvido pelo olhar de Jesus, pelo conhecimento que Jesus tinha dele. E inteiramente desarmado, entrega-se” (Barreiro, p. 67). A partir desta experiência não tem mais argumentos e termina por confessar a sua fé em Jesus: “Mestre, tu és o Filho de Deus, Tu és o Rei de Israel” (Jo 1,49). Só quando vê e faz a experiência é que Natanael sente-se tocado e acredita, não mais porque alguém falou de Jesus, o que ajudou, mas agora ele mesmo experimentou, viu, ouviu, sentiu, tocou o Mistério.

⁴ Não se encontrou um paralelo satisfatório para a reação produzida pela afirmação de Jesus sobre “estar sentado debaixo da figueira”. A melhor sugestão é que ela esteja relacionada com uma tradição posterior de que os rabis estudavam a lei “debaixo de uma figueira (Novo Comentário Bíblico, p. 752).

1.2. Zaqueu (Lc 19,1-10)

Jesus tem um imenso amor para com todas as pessoas. Não exclui ninguém. Não deixa ninguém de lado. Zaqueu fez uma experiência profunda deste amor. Teve uma experiência de encontro com Jesus, a qual mudou sua vida. Provocou nele uma profunda conversão.

Este relato é exclusivo de Lucas. Zaqueu: o nome significa “puro”. “Ele reúne em si dois mundos simbólicos apresentados por Lucas: ele é o publicano que responde generosamente o chamado de Deus; também é um homem rico, alguém, portanto, que tem bastante dificuldade em se desprender dos bens materiais (Novo Comentário Bíblico, p. 288).

Pode-se encontrar em Zaqueu sete passos, que são como pressupostos, para sua experiência de encontro com Jesus. Em primeiro lugar, Zaqueu “desejava ver” Jesus, ou seja, estava curioso para saber quem era este homem que arrastava multidões junto de si. Talvez ouvisse falar de Jesus, o que despertou nele o desejo de ver, mas ainda não o conhecia. Jesus toma a iniciativa, também vê Zaqueu, em cima da árvore, e o chama pelo nome. Talvez Zaqueu se contentasse em ver Jesus, mas este, ao ver e deixar-se ver, não se contenta com isso: quer mais e mais profundo. O olhar de Jesus é misterioso, pois vê além daquilo que os mortais vêem. Mas, o que Jesus viu neste baixinho, corrupto e explorador? Jesus decide se hospedar em casa de Zaqueu. Jesus quer intimidade com este homem. Zaqueu é impelido pelo “desejo”. Este desejo o faz correr, subir na árvore, deixar o seu posto de cobrança de impostos, expor-se a críticas, entre outros. A vida de fé nasce e cresce juntamente com o desejo. É este o motor que move qualquer pessoa, independente do estado em que se encontra, para o encontro com Deus.

O desejo de ver Jesus faz Zaqueu se misturar ao povo, correndo à frente. Diz o texto que Zaqueu “correu adiante”. Ele faz a sua parte, não fica parado. Não espera passivamente, mas movido por um desejo interior, deixa tudo o que está fazendo e corre em busca daquilo que seu coração busca: ver Jesus.

Zaqueu faz tudo o que pode para ver Jesus. Sendo de estatura baixa e devido ao grande número de pessoas que segue Jesus, ele precisa “subir” na árvore. O desejo gera busca,

desinstala, provoca a sair da rotina. Zaqueu não se importa com o que as pessoas vão falar, ou se Jesus o repreenderá pelo que ele é e faz. Não mede consequências, simplesmente quer ver Jesus. Subir na árvore requer esforço. É algo que ele não está acostumado a fazer. Na vida espiritual não é diferente. Quem deseja entrar neste caminho e nele progredir, 'ver' Jesus e com Ele caminhar, terá uma longa subida a realizar. Terá que canalizar todas as forças do corpo e da alma neste projeto. Esta subida requer renúncia da vontade própria, dos prazeres, da acomodação, enfim, do ter, poder e prazer.

Quando se encontra com Jesus e os seus olhares se cruzam, nasce, da parte de Jesus, uma proposta, um convite, um mandato. Jesus dá uma ordem: "Zaqueu, desce depressa, porque é preciso que eu fique hoje em tua casa" (Lc 19,5). Ir ao encontro de Jesus requer abertura para acolher o seu pedido, a sua ordem. É ir em direção a uma mudança de vida. Zaqueu ouve a ordem de Jesus e desce da árvore. Desce da sua vida cotidiana, deixa seus afazeres, seu egoísmo, orgulho. Agora ele só tem olhos para Jesus.

O olhar e o convite de Jesus penetram no fundo da alma de Zaqueu, o que faz brotar a verdadeira alegria. "Recebeu-o alegremente". É com esta alegria que Jesus é recebido em casa de Zaqueu. A alegria é consequência direta do encontro com Jesus. Esta alegria não nasce simplesmente da procura, mas porque recebeu Jesus em sua casa. Ele encontra o sentido da sua vida em Jesus. Tudo o que ele fazia antes, agora não faz mais sentido. Zaqueu sente que é preciso algo mais, ou seja, dividir os seus bens com os pobres. Quem faz a experiência deste olhar de Jesus e ouve o seu chamado, encontra o sentido da vida e tem pressa de fazer aquilo que ele diz. A mudança não foi pela metade, foi radical e por isso a salvação aconteceu. Zaqueu aprende a partilhar. Dá a metade de seus bens aos pobres. Enfim, Zaqueu toma consciência daquilo que era e do que é chamado a ser. Percebe que a sua vida é incoerente com o projeto de Deus e logo toma uma decisão: "Restituirei o quádruplo". Aqui a situação é mais séria. Ele havia enriquecido porque, em sua ganância, explorava os mais pobres. Zaqueu roubava, era ladrão. Depois da experiência com Jesus, ele decide restituir o quádruplo àqueles que haviam roubado. Desta forma Zaqueu fica livre da riqueza que o mantinha preso e torna-se rico do Reino de Deus, para anunciar aquele por quem fora encontrado. "Hoje entrou a salvação nesta casa" (Lc 19, 9). Essa casa é o coração e a vida de Zaqueu. Agora há espaço para Jesus entrar em

sua vida e, junto com ele, a salvação.

Esta passagem bíblica mostra que é indispensável à busca e o esforço humano para que haja o encontro com Cristo, porém, mesmo mediante a busca humana, se Ele mesmo não tomar a iniciativa, o encontro não acontece. Jesus entrou em Jericó e chamou Zaqueu. O desejo de Deus encontra-se com o desejo do homem e o encontro acontece. As consequências deste encontro é conversão, mudança de vida.

1.3 Samaritana (Jo 4,5-42)

Jesus chegou à região da Samaria, chamada Sicar. Ele está cansado da viagem e precisa descansar, por isso senta junto do poço de Jacó. Neste mesmo lugar chega também uma mulher, sem nome, desconhecida. É uma samaritana que vem apanhar água no poço de Jacó.

Jesus inicia o diálogo e se apresenta como necessitado. Pede água para a mulher desconhecida. Neste momento Jesus supera todo preconceito que existia entre judeus e samaritanos e busca entrar no coração daquela mulher e dela receber ajuda. “As necessidades básicas nos unem e nos convidam a ajudar-nos uns aos outros, deixando de lado nossas diferenças” (Pagola, p. 75). Existe uma linguagem que todo ser humano entende, a qual os aproxima: esta é a linguagem do cansaço, da sede de felicidade, da solidão, do medo ou tristeza. Todo ser humano vivencia estas realidades em vários momentos de sua vida, e estas os aproximam.

De forma espontânea Jesus começa a falar com a mulher sobre aquilo que traz em seu coração e assim ela sente-se a vontade para falar dos conflitos entre judeus e samaritanos, assim como dos seus conflitos interiores, da relação com seu marido, de onde está Deus, e onde adorá-lo. O encontro com Jesus acontece à beira do poço, mostrando assim que para encontrá-lo, encontrar a Deus, não é necessário ir a Jerusalém, nem entrar numa capela ou catedral. Mas, do lugar do trabalho cotidiano pode-se elevar o coração a Deus.

Jesus percebe a sede dos corações, sabe dialogar com todos, independente da situação em que se encontram classe social, situação religiosa, e de seus dramas mais íntimos, e que ninguém tem acesso. Jesus percebe tudo que está no coração humano e tem o poder de restaurar a vida das pessoas. Jesus sabe da situação da samaritana e seus maridos, mas não a

recrimina. Ele sabe escutar o sofrimento, o desespero, a solidão e a angústia das pessoas. A mulher fica surpresa ao perceber que Jesus não fala com superioridade nem com arrogância, o que era de se esperar de judeu para com um samaritano e, mais ainda, de um homem para com uma mulher. Jesus não apresenta a lei, a moral, mas sim apresenta um Deus que oferece seu Dom. É isso que atrai a samaritana e também outras pessoas, a Jesus, o amor misericordioso e gratuito de Deus que se manifesta por meio Dele. Cria-se então, um novo clima: clima humano, fraterno, de confiança e abertura. Ela sente-se querida e amada por Deus. Agora Jesus pode falar sobre o passado da samaritana, fazendo referência a seus maridos. Ele faz sua proposta nova para substituir o passado em que ela estava presa. Jesus vem substituir os numerosos maridos que ela teve, trazendo o sentido para sua vida.

Vai, chama teu marido: a ordem de Jesus parece mudar de assunto. Não se deu uma explicação completamente satisfatória para os “cinco maridos”. O leitor do Evangelho não se surpreende com a percepção singular das pessoas por parte de Jesus. Parece que o leitor deve inferir que o passado da mulher seria pecaminoso. Mas o tema de Jacó pode ainda estar implícito nesta passagem, já que o poço é o local do namoro no relato sobre Jacó. Jesus substitui os numerosos “maridos” que a mulher teve (Novo Comentário Bíblico, p. 760).

Jesus abriu seu coração para a mulher: “Se conhecesses o dom de Deus” (Jo 4,10) e apresentara o maior presente que Deus dá: Ele mesmo, como sentido para a vida humana. E mais, que este Dom é gratuito e para todos, sem exceção. A princípio parece que ela não compreende de que Jesus está falando, pois na época, assim como hoje, nada é gratuito. Vive-se a base de troca. Por trás da bondade há sempre interesses. Tudo exige esforço, assim como tirar água do poço o exige. No decorrer do diálogo Jesus desperta o interesse, o anseio de vida plena, que existe em todo ser humano, ao falar de água que sacia a sede para sempre.

Hoje se faz urgente despertar nas pessoas aquilo que se encontra no profundo de seus corações, recuperando a dimensão do encontro com Cristo. Este não pode ficar na dimensão do conhecimento sobre Ele, mas precisa levar a um encontro pessoal, que permita sentir o prazer de estar e comunicar-se com Ele. Nas celebrações, momentos orantes, encontros formativos e encontros informais, é preciso avançar para além dos ritos externos, onde gestos e palavras não expressam o que está no coração humano. Tudo parece acontecer fora das pessoas. Neste

aspecto o VII Sulão de catequese insistia dizendo: “O que não toca o coração não motiva, nem empolga, nem contagia” (MNCFC, p.13). É preciso aprender a saborear o Evangelho de Jesus, não basta conhecê-lo. Aprender a sentir e degustar as coisas internamente. Degustar o que se diz crer. Saborear a presença calada, mas real, de Deus presente no ser humano, o qual fala com espontaneidade, e espera o mesmo de seus filhos. Para que isso aconteça, é preciso aprender a dar o espaço necessário ao Espírito Santo: na comunidade, nas celebrações e orações, na vida e no coração de cada pessoa. É o Espírito que ajuda a enxergar este “manancial de água viva” que está dentro de cada um e que a todos pode saciar.

1.4 Levi (Mc 2, 13-17).

Neste relato Jesus está rodeado por uma multidão que vai a sua procura. Ele acolhe esta multidão e se põe a ensiná-los. Porém, Ele não olha a multidão como massa: Ele olha, “vê” e dá atenção a cada pessoa em particular, como única. Jesus “viu Levi”. Ele dava atenção a todos, os ensinava, mas também olhava cada pessoa individualmente, “viu Levi”. A iniciativa é de Jesus. Levi não pede atenção e não chama por Jesus, mas Jesus o vê.

Levi era cobrador de impostos. Quando acontece o encontro com Cristo ele está sentado na coletoria de impostos, cobrando as taxas. Os cobradores de impostos eram considerados pecadores. Eram odiados por todos. Era, para os judeus, a pior espécie de pessoas. Os cobradores de impostos não recebiam salários. Roubando, ganhavam o necessário para viver na opulência. Para a mentalidade da época Levi jamais mereceria a atenção de Jesus, mas é este que Jesus vê e depois chama. Levi faz a experiência da misericórdia de Deus na própria vida.

Levi era um coletor de impostos a serviço de Herodes Antipas. Tais pessoas eram suspeitas de desonestidade financeira e deslealdade para com a causa judaica (Novo Comentário Bíblico, p. 76).

Jesus vê Levi no seu lugar de trabalho: “sentado no posto de arrecadação”. Lugar em que todos o podiam encontrar. Jesus encontra e olha cada pessoa no seu ambiente normal, fazendo o que lhe é próprio.

Levi está sentado. Estar sentado quer dizer estar parado num determinado lugar. Levi

está sentado, ou seja, está fazendo aquilo que é normal. Está parado no seu mundo, preocupado com as suas coisas.

É de Jesus a iniciativa. Ele faz o convite “segue-me”. Jesus não dá explicações, não propõe seguranças, não diz para onde vai, não diz por quanto tempo, não diz como é a estrada nem o que é preciso fazer, não promete recompensa. A princípio é tudo muito obscuro. Não há nada pronto, estabelecido, nem seguro. Faz-se necessário caminhar atrás de Jesus e aos poucos ir descobrindo o caminho que deve ser feito.

Jesus vê e chama Levi. Este se levanta. Fica extasiado, surpreso. Sente-se tocado pelo olhar e convite de Jesus. E por isso, no momento, não questiona nada. Ele poderia ter ficado sentado, mas não fez isso, certamente porque encontrou segurança naquela face amiga e acolhedora de Jesus; porque aquele olhar o envolveu de tal forma que não foi possível outra resposta a não ser o levantar-se; enfim, porque aquelas palavras ditas por Jesus tocaram o seu coração. “O que não toca o coração não motiva, nem empolga, nem contagia” (MNCFC, p. 13). E ninguém que faz a experiência do encontro com Jesus, com a verdade do Evangelho, permanece parado naquilo que é normal, no seu cotidiano, vivendo como se nada tivesse acontecido.

Levi seguiu Jesus. Ficar de pé é importante, mas não basta. Fazer a experiência do encontro é sentir-se tocado por Jesus e colocar-se a caminho. Lançar-se para uma nova etapa na vida, na qual Jesus faz a promessa: “Eis que estou convosco todos os dias até o fim dos tempos” (Mt 28,20). A vida cristã, o seguimento de Cristo é, em primeiro lugar, estar com Ele, estabelecer profundos laços de amizade. Só no segundo momento vem à missão, pois não é possível falar de Jesus, anunciar seu Evangelho, propor iniciativas concretas para a comunidade quando não se faz a experiência de estar com o Senhor: “Mestre, é bom estarmos aqui” (Lc 9, 33).

Jesus entra na casa de Levi. No mundo da Bíblia, casa é hospitalidade, intimidade. Os dois se tornam íntimos. Jesus senta-se à mesa com os pecadores. Sentar junto à mesa é sinal de comunhão. O lugar e o alimento são apenas ensejo para partilhar o que está lá no fundo da alma. Os dois partilham as suas vidas um com o outro e desta forma Levi já não pode mais ser o mesmo de antes. Agora Jesus faz parte da vida de Levi e isso terá as suas consequências.

Jesus dirige uma atenção e um olhar especial para cada pessoa, mas as quer inseridas na comunidade. Após chamar a Levi individualmente Jesus faz a refeição em sua casa, juntamente com outros publicanos e pecadores. A experiência pessoal se concretiza e é vivida na comunidade. Se hoje as comunidades de fé estão fragilizadas, talvez seja pela falta de uma verdadeira experiência de encontro com Jesus. Um verdadeiro encontro com Cristo muda radicalmente a vida de cada pessoa e cria comunidades verdadeiras, que vivem a fraternidade e a alegria, não a competitividade, a luta pelo poder e a busca do mesmo apenas por interesses pessoais e momentâneos. Também aí não veda a recepção de sacramentos sem compromisso, sem vivência na fé.

Quando Jesus ouve as críticas a seu respeito diz: “Os doentes é que precisam de médicos. Vim chamar os pecadores”. Os dois, Jesus e Levi, não se importam com o que as pessoas ao seu redor pensam e dizem. As comunidades de fé precisam ser mais acolhedoras, compreensivas e misericordiosas. Isto só é possível se primeiro, se fez a experiência do encontro com Cristo e se continua a aprofundá-la no dia a dia. Desta forma, a comunidade proporcionará uma verdadeira iniciação à vida crista para seus novos membros, pois possibilitará que estes façam, eles mesmos, a sua experiência de encontro com Cristo e a vivam na comunidade local.

1.5 Bartimeu (Mc 10,46-52)

Jesus está a caminho de Jerusalém e a última etapa antes de lá chegar é a entrada e saída de Jericó. Aqui vai acontecer a última cura que Jesus realiza no Evangelho de Marcos. A cura de um mendigo cego. A cegueira espiritual é característica dos grupos que se confrontavam com Jesus, de modo especial, os discípulos, que até o momento haviam compreendido muito pouco a respeito de Jesus. Jesus se aproxima justamente destes que estão cegos. É o que mostra a passagem do encontro de Jesus com Bartimeu.

A reação de Bartimeu a Jesus e sua boa vontade em segui-lo no caminho do discipulado contrasta com a má compreensão e cegueira dos discípulos demonstrados durante a jornada (Novo Comentário Bíblico, p. 109).

Outro dado importante é o tema do caminho. Neste trecho tudo acontece à beira do

caminho. A iniciativa do encontro é de Jesus, quando entra em Jericó. Por uma pessoa ele é capaz de tudo, até de dar a própria vida. Certamente Bartimeu não era visto pela maioria das pessoas que por ali passavam. Estava abandonado à sorte da vida. Jesus vai ao encontro daqueles que são os mais esquecidos e desprezados pela sociedade e, muitas vezes, pelos membros da Igreja, pelos que olham para o ser humano como um meio e não como um fim em si mesmos. Ao olhar o ser humano como meio para algo, procura-se nestas pessoas certas qualidades, capacidades, boa aparência, status, formação, entre outros. Pessoas como Bartimeu, precisam de ajuda. Mas por não apresentarem os requisitos que se buscam, tornam-se então invisíveis. Jesus, entre tantas outras pessoas, vai ao encontro dos menos favorecidos e dos ignorados por todos. Aqui, vai ao encontro de Bartimeu.

Jesus entrou em Jericó. Ele quer entrar na vida de cada ser humano. Não apenas passar, mas habitar em cada um e nele realizar maravilhas.

Bartimeu estava sentado, era cego e mendigava. Sentado, na Bíblia, é acomodado, conformado com a situação. É alguém que já desistiu de crer e de lutar por dias e situações melhores.

O cego gritou: “Jesus filho de Davi, tem piedade de mim”. O povo tenta fazê-lo se calar, mas ele não dá atenção aos outros, olha apenas para Jesus e implora.

Esta é como a oração da criança que pede aquilo de que realmente precisa. O que está no mais profundo do seu coração. É a oração mais humilde, sincera e comovente. Bartimeu não tem mais nada a perder. Não tem uma imagem a zelar. Seu grito vem do mais profundo de seu coração. Sozinho não pode mais nada. Já desistiu e se acomodou à beira do caminho.

Bartimeu, ao ouvir dizer que Jesus estava passando começa a gritar pedindo misericórdia. O desejo de Deus, desejo de Salvação está no mais profundo de cada pessoa. Alguém anunciou que Jesus estava passando. Certamente o cego já tinha ouvido algo sobre Jesus, que, neste momento, despertou seu interesse. Agora, sente-se movido a clamar por socorro. Aqui, destaca-se a força da oração. Jesus parou para ouvir Bartimeu e ajudá-lo. Deus também para, para ouvir o grito de seus filhos e socorrê-los.

Jesus tem compaixão. Se compadece da miséria daquele cego indefeso, que está à margem e o atende. Manda chamá-lo. Aqueles que mandavam o cego calar, agora, a pedido de

Jesus, vão animá-lo a se levantar e ir até Jesus. Eles vão ao cego e o chamam: “Coragem! levanta-te, Ele te chama”. Jesus não fica indiferente ao clamor de seu povo.

Bartimeu larga tudo o que tinha e vai até Jesus. Não tinha muito, apenas o seu manto, porém este era a sua segurança e o seu chão. Poderia apenas ter tirado, mas não: lançou fora, jogou, porque confiou que não iria precisar mais dele, que Jesus iria curá-lo. Esta capa simboliza as falsas seguranças, comodismo, preconceitos, auto-suficiência, aquilo que cega e aprisiona o ser humano.

Em seguida ergue-se com um salto. Sai da sua situação atual. Faz a sua parte. Não fica esperando que tudo venha de Jesus. Algo dentro dele o impele. Este algo é o próprio Jesus. Em Jesus encontra força não só para levantar, mas para saltar. E por fim, vai falar com Ele. Jesus o atrai a Si.

Jesus pergunta: “Que queres que eu te faça?” Sabe o que o cego precisa, mas quer ouvir dele quais são as suas necessidades. Respeita o tempo, a situação e a liberdade de cada um. Hoje, Ele faz esta mesma pergunta para cada pessoa e pede uma resposta. Não invade a liberdade e individualidade. Espera e respeita o tempo de cada um. Pede o que é realmente necessário e importante. Zaqueu sente-se acolhido e amado por Jesus por isso se abre, apresenta sua necessidade. Então o milagre acontece!

Curado, Bartimeu segue Jesus e sobe com Ele para Jerusalém. Tornou-se discípulo. A consequência do dom de Deus é o seguimento. O cego decidiu seguir Jesus pelo caminho. Só quem é tocado, curado e sente o amor de Jesus pode falar Dele e ajudar os outros a encontrá-lo. O que recebeu quer comunicar aos outros. Tamanha alegria não pode ficar só para si.

1.6 Discípulos de Emaús (Lc 24,13-35)

Após a morte de Jesus, dois discípulos se põem a caminho de Emaús. Vão tristes, conversando entre si sobre os últimos acontecimentos. Eles não param, estão sempre a caminhar. Sentiam tristeza, amargura e saudades do Mestre, mas não acreditavam nele. Acreditavam no que tinham visto: condenação, sofrimento, cruz e morte. Aparentemente os discípulos têm tudo o que é necessário para crer: “conhecem o Antigo Testamento, a mensagem de Jesus, sua atuação e sua morte na cruz. Ouviram também a mensagem da

ressurreição” (Pagola, p. 358). Porém, tudo isso é inútil. Envolvidos pela tristeza e desânimo, eles continuam seu caminho.

O ato de caminhar lembra a história da salvação. Abraão e Sara caminham, ou melhor, constroem o caminho, até chegar à terra prometida. Este mesmo povo, mais tarde, sob a liderança de Moisés, peregrina durante quarenta anos pelo deserto, para assim chegar à terra prometida. O caminhar ajuda a perceber o projeto de Deus e sua fidelidade. O Êxodo foi período de sofrimento na caminhada, mas também de conversão e de esperança. As dificuldades fazem parte da vida e do caminho. Porém, “quando se caminha com esperança, as pedras do caminho não são tropeços porque a luz do horizonte é maior, mais ampla e ajuda a ultrapassar as pedras” (CCDM, p. 15). Jesus faz o caminho com seus discípulos. Ele é modelo de caminhante. Evangelizava pelos caminhos de sua terra. Ele mesmo se define como o Caminho.

Em toda caminhada humana, assim como no caminhar dos discípulos de Emaús, Jesus toma a iniciativa de se aproximar. Jesus caminha com eles. Enquanto os discípulos conversavam, o próprio “Jesus se aproximou e começou a caminhar com eles” (Lc 24,15). A iniciativa é de Jesus. Porém, ele não interrompe o assunto, apenas caminha com eles e escuta-os para descobrir sua realidade. Fazer-se próximo é dispor-se a conhecer e sentir de perto a necessidade do outro. E Jesus faz isto.

A experiência de Emaús é a mesma experiência da comunidade que acredita em Jesus e se coloca no caminho do discipulado. Os discípulos viram e conviveram com Jesus. Ouviram os relatos da ressurreição. Mas a lembrança da cruz e morte ainda lhes dói no coração, por isso fecham-se em si mesmos.

Os olhos humanos se fecham pela decepção e desesperança, quando as coisas não correm belas, quando a crença em Deus se defronta com a realidade do sofrimento e da morte (Paiva, p 28).

Também não reconhecem a Jesus porque esperavam um rei que viesse para governar com poder, assim como o fizeram Saul, Davi e Salomão, aniquilando os inimigos. Não compreendem a natureza do Reino de Jesus, pois ainda não tinham recebido o Espírito Santo. Não basta ter ouvido a Palavra. Sem o Espírito nada se entende. Tudo é vazio e sem sentido.

Porém, a marca de Jesus, do que viveram com Ele, estava no mais profundo de seus corações. Então, quando Jesus se aproxima, seus corações começam a arder.

Neste evangelho, Lucas sugere dois momentos que se complementam, no caminho da busca em recuperar a fé no ressuscitado, em fazer a experiência do encontro com Ele. Em primeiro lugar, a escuta da Palavra de Jesus. Durante o caminho os discípulos, pensando em Jesus, se perguntam por ele e falam Dele um com o outro. É neste contexto que Jesus se aproxima e caminha com eles. Hoje não se pode ficar esperando grandes prodígios. É preciso desenvolver a sensibilidade para perceber que, quando se ouve, medita e recorda a Palavra, quando se recorda a Pessoa de Jesus e sua mensagem, o coração vai aquecendo. E se alguma vez, estando neste contexto, sentir o “coração arder” é preciso lembrar e ter a certeza de que Ele caminha conosco.

Jesus entra na conversa e quer ouvir as preocupações, angústias, decepções e esperanças dos dois. Ele entra pela porta das preocupações que ocupa o coração dos discípulos, e pergunta: “O que andais conversando pelo caminho?” (Lc 24,17). É a atitude de abertura e hospitalidade que possibilita aos discípulos reconhecerem Jesus. A partir do momento que os discípulos abrem espaço para Jesus entrar na conversa e participar da caminhada rumo a Emaús os fatos passados começam a ficar mais claros, os corações começam a arder até que seus olhos são plenamente abertos e reconhecem a Jesus.

Seus olhos, porém, estavam impedidos de reconhecê-lo: Em todo o seu Evangelho, Lucas trabalhou com a ideia do “ver”. Agora ele articula este tema ao contar como o Cristo ressurreto abre os olhos dos discípulos para verem o verdadeiro significado de Jesus no plano de Deus. Mas, como o relato esclarecerá, os olhos dos discípulos só são plenamente abertos após eles terem demonstrado hospitalidade para com um estranho (Novo Comentário Bíblico, p. 306).

O momento mais forte é a Eucaristia. Gesto simples, porém íntimo e profundo. Os caminhantes sentam-se em torno da mesa, se reconhecem como amigos e companheiros, e juntos descansam da viagem. Neste partilhar da vida e do alimento descobrem também Jesus, aquele que os alimenta, sustenta no cansaço e fortalece na caminhada. Quando, ao celebrar a Eucaristia, sentir-se fortalecido e animado para o caminhar e viver diário, não há dúvidas, é Jesus quem está alimentando a vida e a fé desta pessoa neste momento. Ali, no dia a dia

aconteceu o encontro com Cristo. É algo tão singelo, profundo e ao mesmo tempo simples. Só as pessoas que passam pela experiência sabem o que está acontecendo no momento e se compreendem mutuamente. Aqueles que não entraram nesta dinâmica, continuam ouvindo a Palavra e participam do Banquete Eucarístico de forma rotineira.

Lembrar a história da salvação e se debruçar na Palavra de Deus é entrar em contato com o próprio Jesus. Permanecer com o Senhor por meio da oração com a Palavra fortalece a alma e ajuda a reencontrar o caminho. Cada gesto e cada palavra de Jesus, no decorrer do caminho, vão aquecendo os corações e tornando-os sensíveis para, enfim, reconhecê-lo ao partir do pão.

Ao reconhecerem Jesus, imediatamente eles deixam tudo e voltam para Jerusalém, a fim de partilhar com os irmãos a experiência vivida. O texto não termina no rito gestual de partilha, nem na emoção do encontro ou na celebração, mas relata a mudança de rumo que tomou a vida dos discípulos. O encontro com Jesus Cristo vivo transformou o medo dos discípulos em coragem; a fuga em empolgação; o retorno em nova iniciativa e o egoísmo em partilha. Desta forma, o relato torna-se uma proposta de comunhão, de comunidade e de missão.

A experiência e transformação passaram pela ação do Espírito, o qual foi preparando os corações dos discípulos conforme eles mesmos aos poucos abriam espaço, a partir do desejo e saudade que tinham de estar com Jesus. Jesus se aproxima dos caminhantes de maneira tranquila, sossegada e despercebida. O Espírito capacita os discípulos a criar espaço de diálogo e confiança, para partilharem suas vidas e fazem amizade com aquele estranho que aos poucos vai lhes conquistando. Ele age preparando o caminho para a experiência, para o encontro.

4.7 Maria Madalena (Jo 20,1-18)

Maria Madalena é a mulher a quem Jesus libertou de sete demônios. Após este episódio ela pôs-se a seguir Jesus com outras companheiras, movidas pelo amor, gratidão e serviço. Este seguimento levou Madalena para além da morte. Ela foi à primeira testemunha do ressuscitado.

Maria Madalena é uma integrante do grupo que permaneceu aos pés da cruz em 19,25. Ela é a primeira citada na lista de mulheres que foi ao túmulo nos sinóticos. O plural no v. 2 sugere que na fonte de João várias mulheres foram ao sepulcro. Ele pode ter reduzido o número a Maria Madalena para combinar com a tradição em que ela vê o Senhor ressurreto (Novo Comentário Bíblico, p. 811).

No primeiro dia da semana (domingo) de madrugada, quando ainda estava escuro, Maria Madalena foi ao sepulcro, onde haviam colocado o corpo de Jesus. Cada pessoa tem consciência de suas madrugadas de insônia, suas decepções, perdas, falta de sentido na vida, onde a morte parece ser a grande vencedora. E nestas madrugadas da vida, muitas vezes as lágrimas rolam e a dor consome, quando tudo parece estar acabado e a pedra do túmulo, fechada para sempre.

É nesta situação que Madalena e as mulheres estavam. Elas amavam Jesus que tinham visto morrer crucificado, mas não acreditavam nele. Acreditavam naquilo que podiam ver e experimentar.

Acreditavam firmemente na morte, na dor, no luto, na perda. Acreditavam também nos aromas... acreditavam nas lembranças doces e amargas. Acreditavam nos guardas dos sacerdotes, postos como sentinelas para acabar de vez com “aquela história tola” do Messias galileu. Acreditavam no poder humano de condenar e eliminar. Acreditavam, finalmente, na pedra que fechava a câmara do sepulcro (Paiva, p. 13).

Quando Maria, junto com as outras mulheres, viram a pedra do sepulcro removida, correram contar aos discípulos o fato. Elas estavam temerosas, não sabiam o que pensar. Dizem aos discípulos não saber o que havia acontecido. Estavam confusas. Isto é compreensível, pois, o túmulo onde Jesus fora colocado ficava em um jardim, fora da cidade, próximo das cruzes. Também é preciso lembrar que era madrugada e ainda estava escuro. Nestas condições o discernimento não é fácil.

Madalena, após contar aos discípulos sobre o fato do sepulcro aberto, acaba voltando aos arredores do túmulo. Permanece do lado de fora, ainda presa ao que lhe parece seguro: Jesus morreu, foi sepultado e agora seu corpo sumiu: onde será que o colocaram? Em Madalena, como nas outras mulheres, trava-se uma luta interna entre a evidência da morte e uma esperança que vai nascendo.

A descrença de Madalena é a descrença de todo ser humano. Assim como ela, só se acredita “no que cabe no estreito limite de sua constatação e vivência, no que pode verificar e controlar, no que é objeto de ciência humana” (Paiva, p. 15). Porém, ela permanece do lado de fora chorando e procurando. Não se contenta com a palavra do anjo sobre Jesus. Ela quer ver Jesus, onde ele está. Entre lágrimas, insiste em encontrar seu corpo, seus restos mortais.

Maria se inclina para olhar dentro do sepulcro (cf. Jo 20,11). É preciso humildade e despojamento na busca do Amado. Fazer-se pequeno, assumir a atitude de busca constante. Vê o anjo, conversa com ele, mas isso não a satisfaz. Continua a procurar. Vê o próprio Jesus e o confunde com o jardineiro. Nas horas de sofrimento tudo fica confuso. Mas, a partir do momento que Jesus fala com ela, chamando-a pelo nome, seus olhos se abrem, ela O reconhece. Agora, tudo se torna claro e simples.

É isto que falta, hoje, nas comunidades e na iniciação à vida cristã: fazer a experiência de um verdadeiro encontro com Jesus Cristo vivo.

Há uma insistente opinião de que falta “instrução religiosa a nosso povo”. Talvez... Mas é certo que muitos que tiveram bons catequistas e anos de aulas de ensino religioso ou não creem, ou não vivem a sua fé, ou permanecem como quem adere a um conjunto de verdades e normas de comportamento. Na verdade, a melhor catequese não substitui o “quérigma”, o anúncio, a proclamação da boa notícia que toca e transforma a pessoa. A boa catequese só se constrói sobre a convicção profunda, cordial, sobre a vivência e a experiência (Paiva, p. 17).

Madalena experimentou Jesus vivo. Essa experiência é pessoal e intransferível. Ela muda o pranto e a escuridão em firmeza e claridade. “É só a partir do encontro com Jesus Vivo e Ressuscitado que “Maria Madalena foi anunciar aos discípulos: ‘Eu vi o Senhor’ e as coisas que ele lhe tinha dito” (Jo 20,18).

Hoje, as pessoas de nossas comunidades, assim como pessoas que não estão ligadas a nenhuma comunidade de fé, se encontram como Madalena e este grupo de mulheres, no seguimento de Jesus. Andam depressa e perturbadas. Procuram Deus e um sentido para sua vida. Sentem-se perdidas na fé. E nesta busca, andam sozinhas por ruas e praças, em altas madrugadas. Muitas vezes tomam caminhos errados, sofrem violência e se perdem

Ansiei loucamente por meu Amado. Procurei-o, mas não o encontrei. Chamei-o, mas não me respondeu. Encontraram-me os guardas que faziam a ronda da cidade. Espancaram-me, feriram-me, arrancaram-me o manto as sentinelas da cidade... (Ct 5, 6-7).

Nestas idas e vindas de tantas pessoas que O buscam, mesmo que muitas vezes sem saber, ou sem saber onde e como buscar, há dois sentimentos: um que os impulsiona, sentimento este que vem do próprio Deus, pois Dele saímos e só nos sentiremos plenos quando junto Dele; e outro, mediante o silêncio de Deus, ao chamá-lo e não se ouvir uma resposta. Este silêncio, sensação de morte, pode ser à distância, ou doutrinas não vividas, ou correria e mãos ocupadas por tantos compromissos e afazeres.

A procura termina, as lágrimas secam e o coração se acalma somente quando se ouve a voz do Amado chamando pelo nome: “Maria!”. Agora começa a missão, contar às outras o que lhe aconteceu, anunciar que Ele está vivo, Viver em sua presença.

2. Elementos comuns em todos os textos

Após esta breve análise e exposição dos textos bíblicos, serão elencados abaixo os elementos comuns encontrados nos textos. Estes elementos comuns nos evangelhos são luzes para as comunidades cristãs hoje e para a iniciação à vida cristã.

1. Busca

Todo ser humano traz dentro de si, um profundo desejo pelo infinito, uma busca pelo sentido vida, por felicidade. Esta busca leva a pessoa a fazer experiências diversas, tomar diferentes caminhos, errar e acertar na vida, se aproximar de Deus e em outros momentos se distanciar Dele. Todos os personagens acima citados, de formas diferentes, estavam abertos, buscavam, procuravam alguma coisa. Não estavam satisfeitos nem acomodados em sua situação. Sinal desta abertura e busca por algo a mais, mesmo sem saber o que, é a acolhida da pessoa de Jesus e sua proposta, a qual é específica para cada um.

Zaqueu desejava ver Jesus, por isso foi ao seu encontro para vê-lo passar. Os primeiros

discípulos, ao verem Jesus pela indicação do Batista, desejam conhecê-lo, seguem-no para ver onde ele mora. Bartimeu, ao saber que Jesus passava, gritou chamando por Jesus e pedindo sua ajuda. A samaritana aceita dialogar com Jesus sem resistências. Levi o segue imediatamente. Madalena permanece ao redor do túmulo procurando. Não tendo encontrado nada, continua a procurar. Chorava enquanto buscava, sentia saudades daquele que julgava ter sido roubado. Os discípulos a caminho de Emaús vão conversando pelo caminho, lembrando e revivendo os fatos ocorridos nos últimos dias, procurando compreender o que estava acontecendo.

O desejo por Deus está em todo ser humano, mesmo que ele não se de conta disso. Ele procura Deus e está aberto para este encontro, porém, muitas vezes se perde no caminho, procurando em lugares errados.

2. Os sentidos

Em todos os relatos, as experiências de encontro com Cristo, acontecem por meio de alguns dos sentidos: ver, ouvir, falar, tocar, sentir. Madalena “viu Jesus”, ouviu sua voz “Maria!” e falou com Ele “Mestre”. Os discípulos de Emaús experimentaram a presença de Jesus que lhes fez arder o coração “não se nos abrasava o coração, quando ele nos falava pelo caminho”, viram, “se lhes abriram os olhos e o reconheceram...”, ouviram sua voz “Jesus lhes disse: ó gente sem inteligência...”. Os primeiros discípulos viram Jesus, falaram com ele “Mestre, onde Moras?” Ouviram sua voz: “Que procurais?” “Vinde e vede”. Zaqueu viu e ouviu Jesus que olhou para ele e chamou-o: “desce depressa...” Sentiu-se tocado pelo olhar de Jesus. Bartimeu ouviu falar de Jesus, ouviu a voz dele “que queres que te faça?” Sentiu a ação de Jesus “recuperou a vista”. Levi ouviu Jesus: “segue-me”, sentiu a força da sua presença. Enfim, a Samaritana, dialogou com Jesus, ouviu sua voz, falou a Ele, viu Jesus, e foi tocada interiormente por sua presença e seu amor.

3. Símbolos e gestos

Quem procura o Senhor precisa estar atento aos sinais e gestos. Quem quer proporcionar o encontro precisa usar de símbolos, gestos e sinais sensíveis que aproximem do mistério de Cristo. O próprio Jesus usou os símbolos do cotidiano para se revelar. Com a Samaritana usa o poço, a água, o cântaro; Com os discípulos de Emaús usa o caminho, a aldeia, a mesa, o pão, o gesto da bênção do partir e servir o pão; Com Madalena usa o túmulo vazio e a pedra removida; No caso de Zaqueu, Ele vai a casa; com Levi Ele também vai à sua casa, põe-se,

à mesa, partilha da refeição com os pecadores; com Bartimeu usa o caminho e a mediação das pessoas que o seguem para chama-lo; com os primeiros discípulos usa a pedagogia do caminho, convidando os discípulos para o seguirem.

4. Surpresa

Em todos os relatos analisados os interlocutores se surpreendem com Jesus. A Samaritana é surpreendida por um Judeu que fala com uma samaritana: “Sendo tu judeu, como pedes de beber a mim que sou samaritana!...”; um homem que lhe oferece água sem ter com que tirá-la do poço; homem que conhece a sua vida.

Alguns personagens, como Zaqueu, Bartimeu e Levi se surpreendem por serem tratados de forma personalizada, em meio a tantas outras pessoas (multidão). Jesus deixa o que está fazendo para dar atenção inteiramente à pessoa que o procura.

No caso dos primeiros discípulos, o texto deixa clara a surpresa em Natanael, que em sua incredulidade, é elogiado por Jesus, e mais, quando Jesus diz que o viu debaixo da figueira. Então Natanael reconhece: “Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és o rei de Israel”.

No relato dos discípulos de Emaús, quando Jesus parte o pão, os olhos dos discípulos se abrem, e espantados reconhecem Jesus: “não se nos abrasava o coração quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?”

Madalena, ao ser chamada pelo nome, reconhece Jesus e exclama: “Rabôni”!

5. Conversão

A partir dos evangelhos anteriormente refletidos, fica evidente que depois do encontro com Cristo há uma verdadeira mudança de vida.

A Samaritana, após o encontro com Jesus Cristo, “deixou o seu cântaro, foi à cidade e disse aqueles homens: vinde e vede um homem que me contou tudo o que tenho feito. Não seria ele, porventura, o Cristo?” (Jo 4,28-29). Ela encheu-se de alegria e júbilo, esqueceu o que estava fazendo, deixou de lado o seu trabalho, “buscar água”, pois era mais importante dar a conhecer na cidade sobre o que Jesus havia feito em sua vida.

Zaqueu, durante o encontro com o Senhor decide devolver o que havia roubado, aos que sofreram o roubo. Ainda mais, decide distribuir seus bens aos pobres.

Bartimeu, cego, à margem da sociedade, passa a seguir Jesus, pois fez a experiência de Seu amor e torna-se discípulo, seguindo Jesus pelo caminho e anunciando a boa nova trazida por Ele.

Levi, imediatamente levanta-se do posto de arrecadação e segue a Jesus. Jesus fala com autoridade e por isso toca no mais profundo do coração de Levi. Não há outra resposta a não ser segui-lo. Então, abandona o trabalho que está realizando e põe-se a caminho, com Jesus. Não olha para trás, e sim para frente, para Jesus e sua proposta. Torna-se seu discípulo.

Os primeiros discípulos, após a experiência com Jesus, voltam contar aos outros aquilo que viram e experimentaram. André vai logo à procura de seu irmão e leva-o até Jesus. Filipe conta a Natanael sobre o messias e não podendo convencê-lo com suas palavras, convida-o para que ele mesmo se encontre com Jesus. André e Filipe levam outros para fazerem a mesma experiência que eles fizeram. Tornam-se discípulos missionários.

Maria Madalena “correu para anunciar aos discípulos que ela tinha visto o Senhor e contou o que Ele lhe tinha falado” (Jo 20, 18). Ela não guarda só para si, mas anuncia a todos o que ela viveu, viu, experimentou. Torna-se discípula missionária.

Discípulos de Emaús “levantaram-se na mesma hora e voltaram a Jerusalém” (Lc 24, 33). Foram ao encontro dos onze e lhes contaram tudo o que lhes havia acontecido. Tornaram-se discípulos missionários, anunciando o Senhor.

6. Seguimento

Vivência da mensagem anunciada por Jesus; discipulado. Ser discípulo é viver a mensagem de Jesus. É estender o encontro e seus efeitos para o cotidiano. E a atitude fundamental do discípulo é ouvir. Ouvir de coração aberto. “Deixar-se invadir pelas palavras do Mestre” (Dom Claudio, p. 14). É tomar consciência de que Ele nos escolheu e nos atraiu a Si, antes mesmo que nós o buscássemos. Ser discípulo é aprender o estilo de vida do mestre: “seu amor e obediência filial ao Pai, sua compaixão frente à dor humana, sua proximidade aos pobres e aos pequenos, sua fidelidade à missão, seu amor serviçal até à doação de sua vida”

(DA, 139). É viver como o Mestre ensinou. Ser discípulo é seguir os passos do Mestre, se preciso, até a cruz.

O que sustenta a missão é o discipulado. É preciso permanecer com o Senhor, para dele receber a força, a sabedoria e o espírito da missão.

Se os primeiros discípulos, Madalena, os discípulos de Emaús, a Samaritana foram anunciar o Senhor, falaram do que viveram. Falaram do que aconteceu durante o tempo que estiveram juntos. Zaqueu, Levi e Bartimeu permaneceram seguindo o Senhor, aprendendo com Ele e praticando o que aprendiam. Na medida em que procuravam praticar o que aprendiam eram discípulos e também missionários. O primeiro, o grande encontro é um, porém precisa ser cultivado para que continue a dar sentido à vida e à missão. O discípulo vive na presença do Senhor.

7. Anúncio

Quem encontra Cristo anuncia Cristo. Assim, os que encontraram Jesus o anunciam mundo afora. Tornam-se missionários. Do discípulo nasce o missionário. Os discípulos saem do encontro, entusiasmados com o que viram, ouviram e experimentaram. Esta profunda experiência os impulsiona a contar aos outros o que viveram. “O discípulo, pela intensidade da experiência feita com Cristo e pela conseqüente adesão a Ele, transforma-se em seu missionário, em testemunha de Jesus, missionário que vai em busca de outros para conduzir a Ele” (Dom Claudio, p. 35).

A Samaritana, após o encontro com Jesus Cristo, deixou o cântaro, foi às pressas à cidade contar quem ela havia encontrado, e convidar: “vinde e vede um homem que me contou tudo o que tenho feito. Não seria ele, porventura, o Cristo?” (Jo 4, 29).

Zaqueu, ao mudar de vida, dá testemunho daquilo que Jesus faz em sua vida, e por meio deste testemunho, anuncia, não com palavras, mas com a sua vida, a pessoa de Jesus e o que Ele realizou. Não existe anúncio maior do que a prática dos valores do Reino.

Bartimeu e Levi, segundo os textos bíblicos, após o encontro, passam a seguir Jesus pelo caminho. Aqui também o testemunho de seguimento é anúncio da pessoa de Jesus. Seguir é aceitar sua proposta e pelo caminho despertar a curiosidade e interesse de outros por aquele homem que arrasta multidões e provoca mudanças na vida de seus seguidores. É anunciar que Jesus tem uma proposta credível.

Os primeiros discípulos após o encontro com Jesus, voltam contar aos outros a experiência realizada. André vai até Simão Pedro e o leva ao encontro de Jesus. Filipe ao encontrar Natanael, convida-o para ir ao encontro de Jesus.

Maria Madalena correu contar aos discípulos que ela tinha visto o Senhor e falado com Ele (cf. Jo 20, 18). Anuncia aquilo que viu e experimentou.

Os Discípulos de Emaús, na mesma hora que reconheceram Jesus, voltaram a Jerusalém contar aos onze o que lhes acontecera no caminho (cf. Lc 24, 33).

Todos os que fizeram a experiência do encontro com o Senhor tornaram-se discípulos missionários. De formas diferentes, passaram a anunciar o Senhor, ao qual passaram a seguir. Anunciam com suas palavras e com suas vidas.

3. Aprofundamento teológico

Entre os sete textos analisados acima há cinco que apresentam o encontro do “Jesus histórico” com pessoas em situações diversas, e dois textos apresentam o encontro de “Jesus ressuscitado” com pessoas que já o conheciam e tinham convivido com ele.

O primeiro grupo citado é de pessoas que ainda não conheciam Jesus e viviam em diferentes situações. Levi e Zaqueu tinham vida estável e estavam satisfeitos com o que eram e faziam. Os primeiros discípulos seguiam João Batista, estavam a caminho. A samaritana e Bartimeu estavam à margem da sociedade. Eram deixados de lado, desprezados e humilhados por sua condição de vida. Porém todos estes personagens, de formas diferentes estavam abertos, buscavam, procuravam, não estavam satisfeitos nem acomodados em sua situação. Sinal desta abertura e busca por algo a mais, mesmo sem saber o que, é a acolhida da pessoa de Jesus e sua proposta, a qual é específica para cada um. Zaqueu desejava ver Jesus, por isso foi ao seu encontro. Os primeiros discípulos, ao verem Jesus pela indicação do Batista, desejam conhecê-lo, seguem-no para ver onde ele mora. Bartimeu, ao saber que Jesus passava, gritou chamando por Jesus e pedindo sua ajuda. A samaritana aceita dialogar com Jesus sem resistências. Levi se espanta com o convite de Jesus e o impacto do convite “segue-me” é tão forte e profundo que não dá espaço para questionamentos ou dúvidas. Levi o segue imediatamente. O desejo por Deus, do qual fala Santo Agostinho, está no mais profundo de cada um destes personagens, assim como o está em todo ser humano.

Tarde Te amei, beleza tão antiga e tão nova, tarde Te amei! E eis que estavas dentro de mim, mas eu estava fora e aí te buscava. E sobre essas coisas formosas, que fizeste, eu, disforme, me precipitava. Tu estavas comigo, e eu não, contigo. Essas coisas me Vetinham longe de Ti, elas, que não existiriam, se em Ti não existissem. Chamaste, gritaste e rompeste minha surdez. Cintilaste, resplandeceste e afugentaste minha cegueira. Exalaste, aspirei e anseio por Ti. Degustei e tenho fome e sede. Tocaste-me e ardi por tua paz! (Confissões, livro X, cap. 27)

O segundo grupo acima citado, Maria Madalena e os discípulos de Emaús, estavam presos às tristezas, angústias, preocupações e decepções. Já conheciam Jesus, estiveram perto dele. Seguiram-no. Foram seus discípulos. Mas, após a morte de Jesus tudo perdeu o sentido. Tudo acabou. Desolados, continuam procurando compreender o que estava acontecendo. Madalena permanece ao redor do túmulo procurando. Não tendo encontrado nada, continua a procurar. Os discípulos a caminho de Emaús vão conversando pelo caminho, lembrando e revivendo os fatos ocorridos nos últimos dias. Os fatos estão vivos em sua memória e por isso ainda lhes causando dor e sofrimento.

Jesus chega e entra pela porta das preocupações e buscas que ocupavam o coração dos discípulos e de Madalena. Jesus pergunta: “De que estais falando pelo caminho, e porque estais tristes?” (Lc 24-17); “Mulher, por que choras?” (Jo 20,13). Madalena, logo que é chamada pelo nome reconhece o Mestre. Os discípulos demoram em reconhecê-lo. Jesus tem paciência para esperar o tempo que for preciso. Cada pessoa tem seu momento, sua forma de procurar Deus, abrir-se a Ele e perceber a presença Dele em sua história. Deus é amor e não força ninguém a nada porque se isso fizesse estaria contradizendo-se a si mesmo. Mas é também por ser amor que Ele não desiste de vir ao encontro dos seus filhos, por meio de Jesus e esperar que estes se voltem para ele percebendo sua presença, reconhecendo seu amor, acolhendo-o em suas vidas e aderindo o projeto de seu Reino.

A situação em que Madalena e os discípulos se encontravam, é também, a realidade das comunidades hoje. Muitas pessoas encontram-se na mesma situação de Madalena e dos discípulos de Emaús. Estão ou já estiveram em uma comunidade de fé. Receberam os sacramentos da iniciação Cristã, ou pelo menos o batismo. Alguns até assumiram trabalhos, exerceram ministérios, foram membros ativos. Porém, depois de um tempo, afoitante, não veem mais sentido em permanecer na comunidade e se afastam. Estão buscando, não sabem o quê nem sabem onde, mas sentem que há um vazio dentro de si.

Dentro de cada um existe uma grande busca, à qual a comunidade local não está conseguindo responder, preencher. “Estes discípulos tem tudo e não tem nada. Falta-lhes a

única coisa que pode fazer arder seu coração: o contato pessoal com Jesus Cristo vivo” (Pagola, p. 361). Trabalham muito. Correm, promovem eventos, participam de reuniões, porém faltam o essencial.

O grande problema, que precisa ser superado nas comunidades de fé, é a superficialidade. As comunidades estão presas a número de fiéis, distribuição de sacramentos, organização de pastorais, cumprimento de obrigações, normas e regras, reformas e novas construções, enfim, em manter as estruturas por meio de uma pastoral de conservação (cf. DA 370). Tais práticas, vividas apenas por rotina e repetição, não encantam nem transformam ninguém.

Não será este o nosso problema? Por quê tanta mediocridade e desencanto entre nós. Por quê tanta indiferença e rotina? Prega-se sempre de novo a doutrina cristã, escrevem-se excelentes encíclicas e cartas pastorais, publicam-se estudos eruditos sobre Jesus. Não faltam palavras e celebrações. “Talvez nos falte uma experiência mais viva de alguém que não pode ser substituído por nada nem por ninguém: Jesus Cristo, o Vivente (Pagola, p. 361).

Celebrar missas não resolve a situação, ler textos bíblicos de qualquer maneira, rezar para cumprir obrigação e de maneira mecânica, competindo com o relógio, olhando a quantidade e não a qualidade, também não resolve nada. O relato de Emaús apresenta duas experiências básicas: os discípulos não leram um texto, mas ouviram a voz inconfundível de Jesus, e esta voz fez arder seus corações. As pessoas hoje, ao contrário, leem muitos textos, porém não escutam a voz de Jesus por meio deles. Os discípulos não celebraram a liturgia, mas sentaram-se como amigos à mesma mesa e juntos descobriram que o próprio Jesus é quem os alimentava. Para que isto aconteça é preciso intimidade, abertura e profundidade. É preciso criar um clima favorável. Proporcionar momentos de encontro em pequenas comunidades, que possibilitem cada pessoa sentir-se valorizada, acolhida e motivada a entrar neste caminho da busca por Jesus, por meio da partilha de vida com o grupo e de maneira especial partilha de vida com o próprio Jesus por meio da escuta da palavra e da oração. Sem Ele não tem sentido continuar reunidos.

O importante é fazer como os discípulos de Emaús e Madalena, não esquecer Jesus, conversar e discutir sobre Ele. Brigar com Ele, se preciso for. Lembrar suas palavras e seus feitos. Assim como foi com os discípulos, aos poucos os corações começarão arder.

É a primeira coisa que precisamos em nossas comunidades: recordar Jesus, aprofundar-nos em sua mensagem e em sua atuação, meditar em sua crucificação..., se, em algum momento, Jesus nos comove, se suas palavras chegam a penetrar em nós e se o nosso coração começa a arder, é sinal de que nossa fé está despertando (Pagola, p. 360).

Mais ainda: além de recordar Jesus, sua Palavra, é preciso também, como em Emaús, convidar Jesus para “ficar conosco”, fazendo a experiência da Ceia eucarística, da oração profunda e constante, de pedir a presença e ação de Jesus no mais profundo do ser.

Sentir que a pessoa de Jesus alimenta, fortalece e consola é fazer a experiência de encontro com Ele na vida.

Só depois que as pessoas, já pertencentes à comunidade de fé, vivem nesta dinâmica se poderá dar o segundo passo, preocupando-se com aqueles que se encontram ainda à margem, como Bartimeu, Zaqueu, Levi, a Samaritana, ou que estão no início de sua busca, e precisam de apoio e orientação segura, como os primeiros discípulos, que foram encaminhados por João Batista para o encontro com o Cordeiro de Deus.

Quem encontra Cristo anuncia Cristo. Quem fez a experiência do encontro e continua alimentando-a a cada dia por meio da intimidade com o Mestre, poderá ajudar outros a também percorrer este caminho e transmitir segurança àqueles que conduzem. Enfim, “o encontro dos discípulos com Jesus na intimidade é indispensável para alimentar a vida comunitária e a atividade missionária” (DA 154).

Jesus entra na vida das pessoas pela porta da fragilidade e sensibilidade. Ele quer ouvir as preocupações, angústias, decepções e esperanças dos dois. Ele entra pela porta das preocupações.

É preciso desenvolver a sensibilidade para perceber que, quando se ouve, medita e recorda a Palavra de Jesus e sua mensagem, o coração vai se aquecendo. E à medida que se sente o “coração arder”, é preciso lembrar e ter a certeza de que Ele está ao lado, caminha junto, quer entrar e se revelar aos corações que O desejam e a ele se abrem.

4. Aplicações concretas

Tendo analisado os encontros com Cristo, presente nos Evangelhos e pontuado elementos comuns e realizado um aprofundamento dos encontros com Cristo, serão apresentadas aplicações concretas para a vida e pessoal, para a iniciação à vida cristã e para a prática pastoral em geral. As pessoas que tem a responsabilidade de animar as comunidades, assim como todas as pessoas que se dispõe a colaborar nos processos de iniciação cristã de crianças, jovens e adultos, ou ainda, exercem os vários ministérios dentro da comunidade de fé, precisam tomar consciência da grandeza e importância desta sua missão. Concientes desta grandeza, deverão buscar constantemente se preparar, planejar, avaliar e mudar aquilo que for preciso, conforme o Espírito vai conduzindo e inspirando a missão no decorrer de cada momento e situação concreta. A seguir serão pontuadas cinco dimensões presentes nos textos bíblicos estudados, os quais ajudam a compreender o que é e como se realiza o encontro com Cristo. Estes princípios que devem ser levados em consideração nas comunidades cristãs, para um bom processo de iniciação a vida cristã e renovação das comunidades. Assim estará respondendo as necessidades de nosso povo, bem como, ao apelo de Aparecida que pede para toda a igreja assumir o processo de conversão pastoral. O verdadeiro encontro com Cristo acontece

1. Para conduzir um processo de iniciação a vida cristã, o iniciador⁵ precisa estar iniciado. A experiência feita, inquieta, faz o discípulo anunciá-la a outros. Quem já é iniciado passa a facilitar a iniciação de outros. O iniciador é mistagogo⁶, vive mergulhado no Mistério⁷. É uma pessoa que se sentiu chamado(a) por Deus, respondeu a este chamado fazendo a experiência

⁵ Iniciador pode ser o catequista, o padre, a comunidade, enfim, aquela pessoa que tem a função de conduzir outros na experiência do Mistério.

⁶ Mistagogo(a) é o iniciador é pessoa que realiza a mistagogia, isto é, conduz para dentro do mistério ou revela progressivamente o sentido do mistério. A palavra mistagogia, num sentido mais amplo, significa também iniciação, introduz ao caminho que liga ao mundo invisível, àquilo que está escondido, que se faz no silêncio, no interior de cada ser humano. Ser iniciado é mergulhar no mistério. (MNCFC, p. 22)

⁷ Mysterion vem da língua grega do verbo meu,w (myein) que significa: cerrar os lábios, fechar a boca, manter segredo, iniciar ao mistério.

de Jesus Cristo e, conseqüentemente, se tornou discípulo(a) missionário(a) de Jesus Cristo, testemunhando sua fé na comunidade cristã (cf. 3ª SBC, p. 208). “Inflama quem arde”. O iniciador que fez a experiência do encontro com Cristo e vive mergulhado neste mistério, desperta o desejo de Deus, presente em cada ser humano. Ele também saberá conduzir o iniciante ao mistério ou a ação pela qual o mistério nos conduz, consciente de que é apenas um mediador entre o mistério e o iniciante.

2. Neste processo, tem importância central a “Lectio” regular. Só “namorando” Cristo pode-se apaixonar por Ele. Este enamoramento vai acontecendo e se fortalecendo por meio de uma assídua vida de oração, pessoal e comunitária, frequência aos sacramentos e escuta atenta da Palavra de Deus. A vida de oração deve ser compreendida como uma constante “recordação de Deus”, porém, com momentos fortes em intensidade e duração. Uma vida atenta às moções do Espírito. Como a visão corporal é o princípio do amor humano, a contemplação espiritual da beleza é o princípio do amor divino⁸. Assim como um casal de jovens se encontram por meio de um olhar, da admiração pela beleza que desperta o desejo, e iniciam namoro para aprofundar o relacionamento, também a experiência de enamoramento com Deus, em Jesus Cristo, nasce pela contemplação espiritual da beleza de Deus que se revela. O iniciador sabe deste caminho, pois já o percorreu, então saberá que deve conduzir o iniciante a um processo de contemplação da beleza divina pela escuta da sua palavra. Ele orientará e proporcionará momentos de oração mais intensa. Aí se deve dar mais importância em colocar o coração naquele a quem se fala pela oração e ouvi-Lo. Também é preciso perseverança na caminhada, nas madrugadas da vida, assim como Maria Madalena, que, sem compreender o que está acontecendo, continua a buscar. É preciso procurar, buscar, esperar “aquele que o meu coração ama”(Ct 1,7). Pois “Quem procura encontra”, então, “procurai o Senhor” (Sb 1, 1-2). “Desejá-Lo e procurá-Lo é sempre o começo do amor” (CIC, n 2710). Assim, iniciantes e iniciador, precisam mergulhar nesta oceano que se torna cada vez mais profundo e envolvente, porém que não tem fim. Se encontrar dificuldades e o desânimo bater à porta, se as forças chegarem ao fim antes que se encontre o Senhor, é preciso lembrar: “Os que madrugam por mim hão de me encontrar” (Pr 8, 17). Se o Senhor assim o prometeu, ele cumprirá sua promessa, e de nossa parte, cabe continuarmos à sua procura.

3. Encontro é graça, surpresa. Deve ser pedido com humildade e paciência. O Senhor vem ao

⁸ TOMÁS DE AQUINO, Suma Teológica, I – II, q. 27, a. 2, c.

nosso encontro no momento e à maneira que Ele quer, e não como nós o buscamos e o esperamos. Por não agir conforme o nosso modo de pensar, Ele nos surpreende: “O Senhor conduz cada pessoa pelos caminhos e na maneira que lhe agradam” (CIC, n. 2699). De nossa parte cabe buscá-Lo e estar aberto à sua manifestação. Pedir a sua presença e ação em nós, para crescermos no amor e união com Ele. “Ainda não foste atraído? Ora para seres atraídos!”⁹. É preciso fazer como Madalena que ficou ao redor do túmulo chorando, procurando e pedindo a Deus uma resposta. “Procurava a quem não encontrava, chorava enquanto buscava e, abraçada no fogo de seu amor, sentia a ardente saudade daquele que julgava ter sido roubado. Por isso, só ela o viu, porque só ela o ficou procurando... Ela começou a procurar e não encontrou nada: continuou a procurar e conseguiu encontrar”¹⁰. Ela não desistiu até conseguir o que buscava. A graça lhe foi dada e ficou surpresa ao reconhecer Jesus.

4. Critérios de encontro verdadeiro: após um verdadeiro encontro com Cristo nascem os frutos: alegria, paz, justiça, conversão, disposição para a missão, força nas tribulações. Quem se encontra com Ele, encontra-se com aquele que dá sentido à sua vida e se oferece como Dom, como Graça. A acolhida desta Graça tranborda gerando o desejo de partilhar com outras pessoas. Isso aconteceu com a Samaritana, Madalena, os discípulos de Emaús e os primeiros discípulos. Eles correram ao encontro dos outros para anunciar a boa Notícia de Jesus. O medo, o desânimo, a distância, a tristeza e o cansaço são superados. Estes dão lugar ao sentido da existência humana e a certeza da presença de Deus, que geram a missão, e o testemunho. Quem encontra Cristo anuncia Cristo, e a Boa nova do seu Reino.

A vida do cristão que tem um verdadeiro encontro com Cristo não é mais a mesma. Sua vida passa a ser pautada pelo Evangelho, e pelos valores do Reino. A caridade, justiça, verdade, o respeito e a promoção do bem comum se tornam natural em seu dia a dia. A comunidade se torna valor e necessidade para a vivência da fé. Os discípulos de Emaús e Madalena voltam para a comunidade. A Samaritana volta ao povoado e os reúne. Os primeiros discípulos vão ao encontro dos outros. Zaqueu busca consertar seus erros mediante a comunidade. Levi e Bartimeu seguem Jesus junto da multidão.

5. O aprofundamento e o cultivo do encontro com Cristo se dá por uma vida de oração. É

⁹ Santo Agostinho, In Io, tr 26,2

¹⁰ Das Homilias sobre os evangelhos, de São Gregório Magno, século IV. Hom. 25,1-2.4-5: PL 76, 1198-1193. Esta homilia se encontra no Ofício, Liturgia das Horas, volume III, para a festa de Santa Maria Madalena, dia 22 de julho.

preciso aprender a orar com o Mestre da oração, Jesus. Por meio dela se aprofunda a relação de amizade com Cristo, iniciada pelo encontro e se cultiva essa relação de profunda amizade.

A oração pessoal e comunitária é o lugar onde o discípulo, alimentado pela Palavra e pela Eucaristia, cultiva uma relação de profunda amizade com Jesus Cristo e procura assumir a vontade do Pai. A oração diária é sinal do primado da graça no caminho do discípulo missionário. Por isso, é necessário aprender a orar, voltando sempre a aprender essa arte dos lábios do Mestre (DA, 255).

Se não houver cultivo permanente, o encontro inicial pode esfriar e a pessoa regredir ao estado inicial. Para este cultivo faz-se necessário uma comunidade, que já iniciada, vive nesta constante busca do cultivo e aprofundamento da amizade com Cristo. Esta comunidade propiciará o empenho na busca pela oração pessoal, a qual não pode ser substituída pela comunidade ou pela missão. Esta oração pessoal consiste num constante voltar-se a Deus como o próprio Jesus ensinou, chamando-o de Pai (cf. Rm 8,15). Na correria do dia a dia, no cansaço do trabalho cotidiano, também nas dores tribulações e fragilidades, o cristão deve reservar momentos e buscar um lugar de silêncio para orar, contemplar e meditar. Assim fez e nos ensinou o próprio Jesus. Com frequência Ele buscava um lugar tranquilo para refletir, orar e contemplar. Um destes momentos é o que precede a sua vida pública. Logo após o seu batismo Ele se afastou um pouco e procurou um lugar de silêncio para orar a fim de vencer as tentações (cf. Mc 1,12). “No início da nossa salvação pessoal, deve haver silêncio; silêncio que ouve, que acolhe, que deixa animar. Podemos até dizer que a capacidade de viver um pouco do silêncio interior caracteriza o verdadeiro fiel e o distingue do mundo da incredulidade” (Martini, p. 12).

Sabe-se que a vida humana, nos dias atuais, deixa-se absorver pela correria, agitação e trabalho que consomem as suas forças e a energia. É neste contexto que o ser humano necessita de vida contemplativa para que se possa manter acesa a chama do Encontro com Cristo. É indispensável uma vida que busque constantemente encontrar e manter-se na presença do Senhor. Há um momento mais forte, porém, que desperta o desejo de mais. É esta busca de mais que mantém viva a chama do amor e do desejo por Deus. Para isso se requer momentos fortes de silêncio e recolhimento, que possibilitam a intimidade com o Mestre.

Junto à oração pessoal está a oração comunitária. Jesus mesmo disse que onde dois ou três estivessem reunidos em seu nome Ele ali estaria (cf. Mt 18,19). É na comunidade que se vive e partilha da mesma fé. É na comunidade que a fé se torna prática que promove a vida.

Considerações finais

Ao refletir, neste trabalho, sobre a experiência do encontro com Cristo nos evangelhos, buscando elementos para a iniciação à vida cristã hoje, foi possível identificar alguns elementos, ou aplicações concretas. Porém consta-se que não se pode definir uma experiência de encontro com Cristo em um modelo único ou um padrão. Este é graça e quem a recebe não o consegue colocar adequadamente em palavras. Alguns encontros são momentos mais fortes, possíveis de identificação do momento e seu impacto na vida da pessoa. Outros, porém, vão se consolidando ao longo do processo, até o momento em que, por si só, exige mudanças gradativas na vida da pessoa.

A partir dos encontros com Cristo nos evangelhos, pode-se afirmar que esta experiência é processo e que o importante não está no resultado final, mas no caminho que se vai construindo, na busca constante, que vai gerando encontro, conversão e aprofundamento da experiência no dia a dia. Uma verdadeira experiência leva ao reconhecimento da fragilidade da sua condição de ser humano, e ao mesmo tempo uma mudança de vida, na certeza do amor e da força de Deus que age no ser humano, lhe dá o sentido da vida, o capacita para sua realização e participação na construção do Reino de Deus. Fica o desafio às comunidades, para que em primeiro lugar se avaliem até que ponto são comunidades realmente iniciadas, ou em processos de iniciação. Em seguida, busquem desenvolver e priorizar processos que acolham e acompanhem as pessoas que vem a ela pedir os sacramentos, e as pessoas que já estão nela porém, que não fizeram esta experiência de encontro com Cristo e vivem uma fé fragmentada, separada da vida.

REFERÊNCIAS

DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO

BENTO XVI. **Porta Fidei**: Carta Apostólica. São Paulo. Paulinas: 2012.

BENTO XVI. **Verbum Domini**: Carta Encíclica. São Paulo. Paulinas: 2010.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Catequese Caminho para o Discipulado e a Missão: 2009 Ano catequético Nacional, Texto-Base**. Brasília. CNBB: 2008

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2011-2015**. São Paulo. CNBB: 2011.

CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL: Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética: **3ª Semana Brasileira de Catequese**. São Paulo. CNBB: 2009.

Ecclesia in América. Exortação Apostólica Pós-sinodal. Roma: 1999. (capítulo I – O encontro com Jesus Cristo vivo).

FRANCISCO. **Lumen Fidei**: Carta Encíclica. São Paulo, Paulinas: 2013.

JOÃO PAULO II. **Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo. Loyola: 2000.

V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO AMERICANO. **Documento de Aparecida**: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 8ª. ed. São Paulo. Paulus: 2008.

VATICANO II. **Compendio do Vaticano II**: 29ª edição. Petrópolis. Vozes: 2000.

VII SULÃO DE CATEQUESE. **Mistagogia: Novo caminho formativo de catequistas**. São Paulo. Suliani: 2011.

OBRAS DE TEOLOGIA

BARREIRO, Álvaro. **Do Jordão a Betânia: Contemplando os mistérios da vida pública de Jesus**. São Paulo, Loyola: 1993.

MARTINI, D. Carlo Maria. **A dimensão contemplativa do homem**. São Paulo. Loyola: 1982.

Novo Comentário Bíblico São Jeronimo: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos. Academia Cristã. São Paulo. Paulus: 2011.

PAGOLA, José Antônio. **O caminho aberto por Jesus: João**. Rio de Janeiro. Vozes: 2013.

PAGOLA, José Antônio. **O caminho aberto por Jesus: Lucas**. Rio de Janeiro. Vozes: 2012.

PAIVA, R. **Da ceia ao Pai Nosso II: Para orar as aparições de Jesus Ressuscitado**. São Paulo, Loyola: 1997.

REGAN, David. **Experiência cristã das comunidades de base**: Mistagogia. São Paulo. Paulinas: 1995.

REY-MERMET, Théodule. **A fé explicada aos jovens e adultos**, v. 2 – Os sacramentos. São Paulo.

Paulinas: 1979.

Submetido em 14 de novembro de 2013

Aprovado em 29 de novembro de 2013